

A ÉTICA DA TERRA DOS ELFOS: A COMPREENSÃO DO HOMEM E DA REALIDADE SEGUNDO G. K. CHESTERTON

Carlos Alberto Oliveira Neiva Júnior⁸

RESUMO

O presente artigo tratou de uma explanação do pensamento do britânico Gilbert Keith Chesterton apresentado no terceiro capítulo de seu livro *Ortodoxia*, intitulado “A Ética da Terra dos Elfos”, para uma compreensão do homem enquanto ser provido de interioridade e vivente em uma exterioridade real. A exposição teve por fim clarear a compreensão do pensamento do autor, bem como defender sua postura como filósofo. Para tal, abarcaram-se algumas noções do pensamento de Chesterton, sobretudo o que consta no capítulo analisado, e uma possível aplicação dessa filosofia na ideia de imaginação moral e sua aplicabilidade na educação.

Palavras-chave: Chesterton. Ortodoxia. Contos de Fadas. Filosofia. Antropologia. Educação.

INTRODUÇÃO

Quando se fala do homem, no sentido antropológico filosófico, abre-se a possibilidade para um mundo complexo e dinâmico. O homem pode ser definido essencialmente como animal racional, mas quando se torna objeto da filosofia, torna-se um campo vastíssimo de reflexão. Seu corpo, sua alma, suas relações, sua história, sua fé, seu conhecimento, suas organizações, seu agir, sua visão de mundo – tudo entra em jogo quando se trata deste universo que é o homem, uma vez que esse ser é dotado de interioridade, isto é, possui um universo dentro de si, na profundidade de sua alma. (STORK; ECHEVARRÍA, 2005).

Porém, esse mundo íntimo define uma pessoa real em um mundo real, não é ele a única realidade existente, embora seja considerada, afinal, ora influencia as ações dessa realidade, ora se deixa influenciar por elas. Exterioridade e interioridade pessoal comunicam-se a todo tempo. Nessa relação paradoxal, a forma de conceber a realidade está intimamente ligada ao processo cognitivo e juntas estão ligadas na forma de agir que resulta na busca da felicidade (MARTINS-FILHO, 2017).

⁸ Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG – UCSEH) e graduando em Filosofia Faculdade Católica de Anápolis.

Essa questão complexa foi trabalhada pelo jornalista britânico G. K. Chesterton em seu livro *Ortodoxia*, publicado em 1908, mais precisamente no terceiro capítulo “A Ética da Terra dos Elfos”.

Gilbert Keith Chesterton nasceu em 29 de maio de 1874 em Kensington, distrito central de Londres. Foi um famoso jornalista, poeta e livre pensador. Escritor profícuo, deixou centenas de escritos, além de desenvolver uma apologética católica e o sistema político-econômico, com Hillaire Belloc, denominado “Distributismo”. Suas obras mais célebres são *Hereges* (1905), *Ortodoxia* (1908), *O Homem que foi Quinta-Feira* (1908), *O Homem Eterno* (1925), *Santo Tomás de Aquino* (1935) além da série de romances policiais cujo personagem principal é o Padre Brown. Faleceu em 14 de junho de 1936, quatorze anos após se converter ao catolicismo.

Sua obra, *Ortodoxia*, tida como sua autobiografia espiritual (GUROIAN, 1998), pode ser definida como “uma tentativa de devolver-nos a tutela do universo de Deus” (PAINE, 2008, p. 51), mas foi na verdade uma resposta à reação causada pelo seu livro *Hereges* (livro em que criticava as filosofias de grandes pensadores da época), pois foi dito por um crítico: “‘Começarei a me inquietar com minha filosofia’ – disse, nessa ocasião, o senhor Street – ‘quando o senhor Chesterton nos tiver a sua.’” (CHESTERTON, 2001, p. 23). Ao que Chesterton respondeu com o livro que traz uma exposição daquilo que pensa, afinal essa reação do crítico “Era, talvez, uma imprudente sugestão feita a quem está sempre preparado para escrever um livro à mais leve provocação.” (Ibid, p. 23)⁹.

Mesmo expondo o seu pensamento nesse livro, Chesterton não atribui a si a ideia dessa filosofia. “Não a chamarei de minha filosofia, porque não fui eu quem a fez. Deus e a Humanidade a fizeram; ela me fez a mim.” (p. 23). Ele vê em si alguém que buscou algo que estava diante de si o tempo todo, como um explorador que sai em viagem e aporta na própria pátria ou, como em suas palavras: “Aqui se narram minhas elefantescas aventuras em busca do óbvio.” (p. 26). Portanto, a ideia de *Ortodoxia* é uma apresentação sensata da realidade tal como é posta na filosofia perene da Igreja Católica, mas que Chesterton a descobriu depois de um longo caminho pessoal. Por

⁹ Embora talvez seja cansativo o uso constante de citações de G. K. Chesterton, faz-se necessário apresentar suas ideias com suas próprias palavras, pois a forma como está escrita cada sentença, repleta de poesia e paradoxos, obrigam a tal para uma boa apreciação e compreensão. Portanto, ao citar-se doravante, *Ortodoxia*, obra analisada nesse artigo, sempre se colocará apenas o indicador da página, mas sempre se estará referindo à primeira edição brasileira citada inicialmente.

isso, tem-se tal título para essa obra: “Tentei encontrar uma heresia para mim e, quando já lhe tinha dado os últimos retoques, descobri que se tratava da ortodoxia.” (p. 27)¹⁰.

Apesar de ser considerada uma obra apologetica de defesa da fé, *Ortodoxia* é, na verdade, uma exposição do homem em sua interioridade e exterioridade, uma refutação das filosofias errôneas (o idealismo, o racionalismo, o pragmatismo, o niilismo, o marxismo e o materialismo). “Qualquer coisa que Chesterton tenha dito estava de algum modo ligada em sua própria mente como universo como um todo, e, desse modo teve um cunho filosófico.” (PAINÉ, 2008, p. 19). Por isso, faz-se mais justiça ao classificar *Ortodoxia* como uma obra filosófica. “[Ortodoxia] é realmente sobre filosofia. Não é um livro sobre filosofia sistemática, mas é sobre filosofia.” (Ibid, p. 105).

Chesterton era jornalista, ou melhor, era um retórico, e também era poeta, mas dirige-se ao homem comum, cidadão londrino que lê jornais, e não a filósofos e acadêmicos. “Chesterton nunca escreveu um livro científico. Ele renunciou o uso de notas de rodapé, por preferir que suas páginas ficassem de pé a si sós”. (Ibid, p. 42). Assim, sua filosofia apresenta-se belamente, mas uma falta de sistematização pode fazer com que o autor não seja bem quisto no ambiente acadêmico, como de fato o é no Brasil. “Apesar de os seus artigos não serem sistemáticos, espero deixar claro [...] que seu pensamento com certeza o era.” (Ibid, p. 43). O objetivo e a razão de ser desse artigo é exatamente apresentar de uma forma sistemática o pensamento contido no terceiro capítulo de *Ortodoxia*, que está intitulado como “A Ética da Terra dos Elfos”.

Portanto, seguir-se-á em três partes: inicialmente serão apresentados alguns conceitos fundamentais para compreender o gênio de Chesterton (a saber: o realismo filosófico, a noção de *common sense* e a visão positiva da tradição); depois serão tratados as três ideias centrais do capítulo analisado “A Ética da Terra dos Elfos” que são derivadas uma da outra, gerando uma compreensão otimista da realidade; e, por fim, justificar-se-á o porquê do título desse capítulo ser “Ética”, uma vez que só a compreensão dessa realidade como uma agradável surpresa torna-se um princípio para agir e o que os contos de fada têm a ver com isso tudo, a partir da ideia de “imaginação moral” (GUROIAN, 1998).

Poucos são os autores que comentam sobre Chesterton e menos ainda estão disponíveis ao público brasileiro. Os principais apoios desse trabalho foram os escritos

¹⁰“Ortodoxia” é uma palavra grega que significa “reto caminho”, e é utilizada para referir-se ao ramo cristão que permaneceu-se firme contra as grandes heresias da antiguidade, a Igreja Católica Apostólica Romana e mais algumas igrejas orientais.

dos “chestertonianos” John Ronald Reuel Tolkien (autor de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*), Scott Randall Paine e Ives Gandra Martins Filho, e ainda, no último capítulo, foi de grande contribuição os escritos de Vigen Guroian sobre a imaginação moral.

Ao se concluir esse artigo, espera-se ter firmado ainda mais a identificação e Gilbert Keith Chesterton como filósofo e a de que sua contribuição para o pensamento ocidental é mais do que uma repetição do óbvio pregado pela Igreja Católica, mas que este vem enriquecido com uma beleza que só um homem que sabia ver o mundo com admiração e respeito poderia conferir, fazendo com que Chesterton seja um autor altamente recomendável para o diálogo filosófico contemporâneo. Afinal, “Se nosso autor não era um filósofo tal como os outros, não foi por não se ter graduado, mas por estar mais próximo da sabedoria do que o próprio filósofo.” (PAINE, 2008, p. 42).

CONCEITOS INICIAIS

Para compreender G. K. Chesterton, é preciso compreender três conceitos fundamentais: o primeiro é o realismo, constatação essa de qualquer pessoa que abra os olhos à realidade aceita a primeira saudação do universo (PAINE, 2008); o segundo é o *common sense* que apresenta a simplicidade e universalidade dessa saudação da realidade a todos os homens, mesmo os mais simples; e, por fim, uma noção que o próprio Chesterton coloca no início de sua “Ética na Terra dos Elfos” para tratar dessa cultura que é a visão positiva da tradição (atacada pelas filosofias revolucionárias que o filósofo combate). É o que está tratado os três tópicos a seguir.

Realismo chestertoniano

É difícil compreender um autor que brinca com os discursos poético, retórico e filosófico (dialético e lógico). Chesterton plasma esses discursos de uma forma magistral pois, para ele, todos os discursos remetem-se a uma única realidade¹¹. Isso pode levar a confusão, ao trazer suas indagações e afirmações para o contexto filosófico

¹¹ G. K. Chesterton nunca afirmou isso, mas a forma que interpela os modos de cada discurso aristotélico demonstra que via em todos eles uma única verdade conduzida em diferentes métodos e, por isso, achava mais produtivo combiná-los. Para tal, faz-se necessário (e será feito) um estudo posterior em outro artigo sobre a filosofia de Chesterton e a “teoria dos quatro discursos aristotélicos”, tal como apresentada pelo filósofo brasileiro Prof. Olavo de Carvalho (cf. CARVALHO, Olavo de. *Aristóteles em nova perspectiva: Introdução à Teoria dos Quatro Discursos*. Campinas: VIDE Editorial, 2013).

acadêmico, mas é preciso entender que Chesterton via a filosofia com olhos menos rígidos e mais vívidos. “No entanto, embora a filosofia raramente seja vista como algo divertido ela era, para Chesterton, não apenas divertida, mas engraçada.” (PEARCE, 2015, p. 15).

É exatamente essa visão que leva ao ponto em questão. Como se pode falar de um autor realista que defende o fantástico? Como Chesterton pode falar da realidade do mundo concreto falando de uma terra de elfos? Nada disso é possível sem entender a chave de leitura principal em Chesterton: seu amor por paradoxos. “Uma das características mais marcantes de Chesterton é o seu gosto pelo paradoxo: fazer afirmações aparentemente contraditórias e disparatadas mas que, na verdade, correspondem à realidade.” (MARTINS-FILHO, 2017, p. 15, grifos do autor).

Assim sendo, o que Chesterton, conhecido como “Príncipe dos Paradoxos”, realmente diz quando afirma “O País das Fadas não é outra coisa senão o ensolarado país do bom senso” (p. 71) é que esse mundo real é admiravelmente mágico. “[...] é que eu tinha a impressão de que todo o Mundo era uma terra de fadas e de maravilhosas realizações, como se vivesse naqueles tempos hebraicos em que as profecias se cumpriam umas após as outras.” (p. 199).

Como dito na introdução desse trabalho, a interioridade e exterioridade humana se comunicam. Em cada pessoa humana que caminha pelas ruas da cidade encontram-se conceitos lógicos e entes de razão. Cada homem povoa seu imaginário com coisas concretas da realidade, mas este também é povoado pelas criaturas fantásticas do seu imaginário. Por isso, afirma o Prof. Tolkien (2013, p. 9-10): “O Reino Encantado contém muitas coisas além de elfos e das fadas, e além de anões, bruxas, trolls, gigantes ou dragões; contém oceanos, o sol, a lua, o firmamento e a terra, e todas as coisas que há nela: árvore e pássaro, água e pedra, vinho e pão, e nós mesmos, seres humanos mortais, quando estamos encantados”.

Esse “povoamento” da realidade com seres fantásticos não é um idealismo que defende a criação de seres apenas pela mente do indivíduo, mas está ligado à forma como o mundo real passa a ser mais admirado. “Apesar de todos os revolucionários, deve-se dizer que a função da imaginação não é tornar estabelecidas as coisas estranhas, mas tornar estranhas as coisas já estabelecidas; não tanto tornar as maravilhas em fatos, mas tornar os fatos em maravilhas.” (CHESTERTON, 2015, p. 56). Sobre isso, tratar-se-á em detalhes mais adiante.

O ponto essencial sobre Chesterton, inicialmente é: esse mundo é que é a terra dos elfos, o “país das maravilhas” é aqui e não dentro da toca do Coelho Branco. O mundo da água e da pedra, do vinho e do pão, dos elfos e dos gigantes. “Para Chesterton, este mundo é o lugar extraordinário, e os verdadeiros contos de fadas, longe de nos afastar do mundo real, ajudam-nos a compreender a ‘realidade concreta imediata’ como sendo ela mesma a terra natal das maravilhas.” (PAINE, 2008, p. 136, grifos do autor).

Chesterton e o *common sense*

Outro fator importante a se considerar quando o assunto é Chesterton é que sua filosofia não está pautada em uma forma própria de conceber a realidade, ou uma negação de um sistema vigente e muito menos uma revelação privada. Chesterton é um filósofo profundo porque pensa a respeito daquilo que está no *common sense*¹², visto por todos os homens, sobretudo os mais humildes. “Chesterton era o porta voz do homem comum e de seu universo comum.” (Ibid, p. 13). Pois, para Chesterton, “os homens que encontram elfos ou anjos não são místicos ou os mórbidos sonhadores, mas pescadores, agricultores, homens, enfim, que, de maneira geral, são, ao mesmo tempo, rudes e prudentes” (p. 195).

Por *common sense*, deve-se entender, portanto, a noção das coisas construída a partir da simples observação, comum a todos os homens, da realidade. “Às vezes dizemos que essas ideias compõem o nosso senso comum. São as ideias que formamos a partir da experiência comum de nossas vidas cotidianas – experiência que temos sem nenhum esforço investigativo, experiências que temos simplesmente porque estamos despertos e conscientes.” (ADLER, 2010, p. 11). Por isso, “Chesterton iniciou sua busca pelo senso comum ao observar que a base dele estava na aceitação fundamental que esclarece tudo o mais” (PAINE, 2008, p. 164).

O que Chesterton constatou foi que os filósofos criavam uma realidade falsa para suas divagações filosóficas, mas que o homem comum aceitava o que estava bem diante do seu nariz e não perdia a paz com isso, enlouquecendo ou protestando. “A filosofia caseira do camponês é o senso comum da humanidade. Em tempos mais sãos,

¹² Optou-se por utilizar *common sense* em inglês, tal como originalmente escrito (apesar de traduzido nas edições brasileiras) pelos autores estadunidenses que tratam desse aspecto (Scott Paine e Mortimer Adler), pois a palavra “senso comum” em português tem outra conotação, geralmente relacionado a algo errôneo por parte da massa popular. Uma possível tradução seria “bom senso”, mas mesmo assim não abarca todo o contexto que o termo original, visto que a perda da palavra “common” (comum) remove o caráter natural e universal do termo.

o camponês preservou-a, e apenas alguém como ele será capaz de fazê-lo no futuro.” (Ibid, p. 50).

E foi observando o bom senso e a fé do pescador e do agricultor que Chesterton notou que ali estava a filosofia perene da Igreja Católica, que ele chamou ortodoxia. “Chesterton percebeu ser o senso comum por si só que postulava o tipo de mundo que todos vivenciam, e só o cristianismo dentre as religiões se interessava pelo mundo como ele é.” (PAINE, 2008, p. 109), portanto, “[...] não foi o cristianismo em si que Chesterton descobriu, e sim a correspondência dele com as certezas do senso comum.” (Ibid, p. 109).

É possível indagar o que há de filosófico nisso, pois se o homem comum é capaz de compreender, não faz sentido que o filósofo faça elucubrações a respeito. Acontece que não foi só Chesterton que encontrou no *common sense* a base para pensar, mas o mesmo o fez um dos maiores (se não o maior) filósofos da humanidade, Aristóteles. “Aristóteles começou onde todos deveriam começar – naquilo que já sabia, graças à sua experiência comum, cotidiana. Por partir dela, seu pensamento valeu-se de ideias que todos nós possuímos, não porque foram ensinadas na escola, mas porque constituem o patrimônio comum do pensamento humano a respeito de tudo.” (ADLER, 2010, p. 11).

Aristóteles e Chesterton têm sua genialidade exatamente por começarem no *common sense* e daí construir seu pensamento, pois “as coisas comuns a todos os homens são mais importantes do que aquelas que são peculiares apenas a alguns. As coisas ordinárias têm mais valor do que as extraordinárias; podemos dizer, até, que são mais extraordinárias que as extraordinárias.” (p. 68).

Tradição: a democracia dos mortos

Se o *common sense* é a base para conceber de forma adequada a realidade e esta tem sido preservada pelo camponês e pela ortodoxia, é nessa fonte que se deve buscar a sabedoria, o bom senso. Os contos de fadas abarcam toda essa sabedoria, e são preservados ao longo dos anos. É exatamente por isso que Chesterton não apresenta a ética élfica sem antes se deter a defender a tradição dos revolucionários. Afinal, “Não temos nenhuma necessidade de nos revoltar contra o que é antigo; temos de nos revoltar contra o que é novo.” (p. 152).

A forma do jornalista londrino conceber a tradição é muito requintada. Ora, a democracia é algo muito bem quisto e defendido no ocidente, sobretudo nos países

anglo-saxões e europeus. Chesterton diz que todos têm direito ao voto – o que é defendido por todos –, mas todos mesmo, até os que já morreram. Pois a tradição é concebida como um direito dos antepassados ainda opinarem na sociedade. “A tradição pode ser definida como uma extensão do direito de voto, pois significa, apenas, que concedemos o voto às mais obscuras de todas as classes, ou seja, a dos nossos antepassados. É a democracia dos mortos. A tradição se recusa a submeter-se à pequena e arrogante oligarquia daqueles que parecem estar por aí meramente de passagem.” (p. 69).

Apesar de aparentemente mórbido, esse pensamento poético e sensato de Chesterton está baseado no fato de que o autor acredita que uma recusa do passado possa destruir as bases de uma civilização construída em milênios (com erros ou acertos, mas sempre com aprendizados), e que fazê-lo por uma ideologia que promete um amanhã melhor é trocar o certo pelo incerto. “O homem só pode encontrar vida entre os mortos. Ele é um monstro disforme com os pés virados para a frente e o rosto para trás. Pode criar um futuro luxuoso e gigantesco, contanto que pense no passado. [...] O amanhã é a Górgona; o homem não deve mirar senão seu reflexo no reluzente escudo do ontem. Se olha diretamente, transforma-se em pedra.” (CHESTERTON, 2013, p. 43).

É exatamente nesse passado, com o aprendizado dos antepassados que foram cunhados os contos de fadas, cheios de lógica e sensatez, e que a tradição guardou e repassou até os dias de hoje. Se a tradição é democrática, as mães, avós e babás são as sacerdotisas que distribuem o tesouro dos contos de fadas a cada criança.

A FILOSOFIA DOS ELFOS

Chesterton encontra dois pontos centrais ao observar a terra dos elfos, ou Reino Encantado: o de que o mundo é uma surpresa agradável e a de que essa surpresa exige condições que ele chamou de “filosofia da fada madrinha” ou “doutrina da alegria condicional”. Um terceiro ponto pode ser contado, embora não explicitamente indicado por ele, é a conclusão de que toda história tem um autor que leva a uma “teologia natural chestertoniana”. São esses três pontos que serão tratados, respectivamente, em detalhes a seguir.

A fantástica terra dos elfos

Como foi colocado anteriormente, Chesterton apercebe-se do *common sense* e combate as doutrinas filosóficas errôneas. Com isso, utiliza-se dos contos de fadas para resguardar a tradição contra os revolucionários, combater os racionalistas lógicos rigoristas (e pragmáticos) e afirmar a beleza da realidade em embate com os idealistas e pessimistas. Tantos embates em uma única ideia revelam a complexidade, disfarçada de simplicidade, já exaltada por ele. Assim inicia sua exposição:

A minha primeira e última filosofia, aquela na qual acredito com uma certeza inquebrantável, foi a que aprendi na escola maternal. A babá, essa grave sacerdotisa da democracia e, ao mesmo tempo, da tradição, foi quem, de maneira geral, ensinou-a a mim. As coisas nas quais mais acreditava, na época, e as coisas nas quais mais acredito agora são os chamados contos de fadas. Tais contos são, a meu ver, absolutamente racionais. Não são fantasias: as outras coisas é que, comparadas a eles, parecem-me fantásticas. Comparados a eles, a religião e o racionalismo são coisas anormais, embora a religião seja uma coisa anormalmente certa e o racionalismo uma coisa anormalmente errada.” (p. 71).

A babá trouxe (da tradição) a Chesterton os contos de fadas, e ele nota que há uma racionalidade, uma lógica, nesses contos que o racionalismo exagerado não tem. “Chesterton insiste em que o país das fadas é um lugar absolutamente lógico.” (PAINE, 2008, p. 128). Para Chesterton, a razão enlouqueceu, pois deixou de acreditar na realidade que não cabe na sua própria mente: “o louco não é o homem que perdeu a razão, mas o homem que perdeu tudo, menos a razão.” (p. 36). Por isso, cabe à poesia curar o homem da loucura que lhe acometeu. “Chesterton afirma ter sido a *razão* que o destruiu; e que apenas a poesia pode recuperá-lo.” (PAINE, 2008, p. 111, grifos do autor).

Mas por que os contos de fadas? Porque “os contos de fadas nos ensinam, fundamentalmente, que há leis necessárias (físicas e matemáticas, do ser) e leis condicionais (morais e éticas, do dever ser), com seus âmbitos e propriedades específicas e inconfundíveis” (MARTINS-FILHO, 2017, p. 17, grifos do autor). E porque ensinam? Sobre isso “Chesterton proclama que suas primeiras e mais infalíveis lições sobre o pensamento se originaram nos contos de fadas” (PAINE, 2008, p. 128). Mas mais do que uma partilha de experiência própria do autor, Chesterton apresenta uma parte do intelecto indispensável para o processo cognoscitivo: a fantasia, junção

dos sentidos da memória e da imaginação, que (mesmo distintas) relacionam os entes por seus conceitos (CARVALHO, 2013).

Se pelos sentidos externos o homem capta a realidade externa, com os sentidos internos ele a abstrai para o intelecto, mas não o faz sem que a memória guarde as imagens e a imaginação as combine, assim, de várias experiências cria-se um conceito único que representa vários, a fantasia gera os fantasmas, e estes estão ligados ao conceito. Por isso, Chesterton acredita que o imaginável (um dragão, por exemplo) é mais real do que algo impensável, uma bola quadrada, não se tratando ambos de entes de razão, inverossímeis, mas de coisas pensáveis e impensáveis, e nisto já há um nível de verdade: a possibilidade. (Ibid). Por isso, (p. 73) ele afirma:

Nos nossos contos de fadas, sempre conservamos esta nítida distinção entre a ciência das relações mentais, onde há, realmente, leis, e a ciência dos fenômenos físicos, onde não há leis, mas apenas estranhas repetições. Acreditamos em milagres materiais, mas não em impossibilidades mentais.

No seu combate ao racionalista lógico, ele critica a aceitação de que qualquer fato que se repita na natureza seja real, mas algo que só pode ser imaginado não. Chesterton acredita que o fantástico é real enquanto é significativo e, por isso, é real enquanto dialoga com a realidade. “Ao ouvinte do discurso poético cabe afrouxar sua exigência de verossimilhança, admitindo que ‘não é verossímil que tudo sempre aconteça de maneira verossímil’, para captar a verdade universal que pode estar sugerida mesmo por uma narrativa aparentemente inverossímil.” (CARVALHO, 2013, p. 33).

Sem uma abertura a mera possibilidade, o lógico prende-se àquilo que já conhece¹³ e, em uma cadeia de silogismos, acaba por perder o contato com a realidade, com a verdade universal. Por isso, Chesterton defende a terra dos elfos, pois os elfos julgam a realidade pelo “teste da imaginação”, isto é: “Não podemos *imaginar* que dois mais um não são três, mas podemos, facilmente, imaginar árvores que não produzem frutos; podemos concebê-las produzindo castiçais dourados ou tigres pendurados pela cauda.” (p. 73, grifos do autor).

O problema está na postura da ciência de menosprezo da poesia (ou do milagre), Chesterton não nega a razão, antes quer salvá-la, mas precisa unir as duas novamente.

¹³ Segundo Aristóteles, a lógica não serve para se chegar a novas verdades, mas apenas certificar-se de proposições já tomadas como certas e garanti-las como certezas absolutas, portanto, fechar-se apenas na lógica e impedir o desenvolvimento da razão.

“Desde que um decreto de Luís XVI separou em edifícios as ‘Letras’ e as ‘Ciências’, o fosso entre a imaginação poética e a razão matemática não cessou de alargar-se, até se consagrar como uma espécie de lei constitutiva do espírito humano.” (CARVALHO, 2013, p. 23).

Chesterton não quer fugir da realidade. “A resposta do poeta é exatamente uma resposta a um mundo que já existe [...] Os próprios contos de fadas, os quais Chesterton exalta com tanto carinho, nada mais são do que registros divertidos daquela estupefação permanente diante da própria existência do mundo” (PAINE, 2008, p. 198-199).

Aceitando a realidade como algo cheio de possibilidades, Chesterton admira-se com esse mundo. “O mundo era um choque, mas não era meramente chocante; a vida era uma surpresa, mas era uma surpresa agradável.” (p. 78). E é esse o ponto central da sua ética élfica, pois se a realidade não é um mero conjunto de repetições, mas é mágica, é uma possibilidade que organiza-se para tal, como uma surpresa agradável, então a primeira condição do homem é de se colocar como alguém agradecido por tamanha dádiva. “A prova de toda felicidade é a gratidão. Sinto-me grato, embora não saiba a quem dirigir minha gratidão.” (p. 77).

A Filosofia da Fada Madrinha

A partir da aceitação da realidade como uma surpresa agradável da qual se deve estar grato, Chesterton formula seu princípio ético que pode ser chamado de “Doutrina da Alegria Condicional” ou simplesmente “Filosofia da Fada Madrinha”: “Todas as estonteantes e colossais coisas que são concedidas dependem de uma pequena coisa que é negada.” (p. 78). O que Chesterton afirma é que se o mundo foi dado de presente, cabe a quem deu o presente (e isso será tratado no tópico seguinte) julgar como se usar do presente.

“A ‘ética’ na terra dos elfos é apenas a descoberta das obrigações da gratidão estonteante de ser colocado num mundo gratuito e da prontidão resultante com a qual nos submetemos às ‘limitações mais estranhas de uma bondade tão singular’ (p. 58).” (PAINE, 2008, p. 144). Assim, a Fada Madrinha tem todo direito de exigir que a Cinderela volte do baile até a meia noite, pois sem a Fada, a Gata Borracheira continuaria em casa lamentando não poder ir à festa; Rumpelstiltskin pode fiar toda aquela palha em ouro, se a filha do moleiro lhe der seu anel, pois se ela se negar, ele pode sumir da mesma forma que apareceu e a camponesa vai ter que prestar contas ao

rei da mentira do pai; Pinóquio não deve lamentar não poder mentir, pois seria um boneco inanimado em um canto empoeirado da oficina de Gepeto sem a intervenção mágica. Da mesma forma, o homem aprende que para ter um dom grandioso deve fazer uma renúncia: ao casar-se e ter o amor de uma mulher só para si, deve renunciar a todas as outras mulheres do mundo.

“Em suma, a mensagem chestertoniana, que é a mesma da tradição clássica e cristã, é a de que, para ser feliz é necessário aceitar que temos limitações (de natureza e de compromissos, já que a liberdade, ao assumir compromissos, fica a eles ligada) e não ultrapassar as fronteiras que guarnecem a vida.” (MARTINS-FILHO, 2017, p. 21, grifos do autor). Chesterton vê a felicidade como algo fantástico, mas delicado, sobretudo diante de um mundo tão grande. Cabe à Gata Borralheira, à filha do moleiro e a Pinóquio aceitarem a condição sublime que receberam magicamente, ou expurgar a dádiva (e a felicidade) por uma falsa noção de liberdade. “Essa ‘filosofia da fada madrinha’ de Chesterton baseia-se na atitude fundamental da humildade. Para ver a verdade e querer o bem, deve-se primeiramente aceitá-los como uma dádiva.” (PAINE, 2008, p. 146).

Muito se fala sobre a ética e se esquece que esse ramo filosófico trata não apenas do agir do homem, mas do motivo para tal. A ética é a procura da felicidade, e Chesterton reafirma isso para uma sociedade que parecia esquecida, como um adulto que lembra vagamente das estórias de sua infância. “A felicidade só dependia de não fazer alguma coisa que em qualquer momento poderia ser feita e, muitas vezes, sem que fosse óbvia a razão pela qual não se devia fazê-la.” (p. 78). Em outras palavras: “A felicidade depende da vigilância sobre aquilo que pode levar à sua perda.” (MARTINS-FILHO, 2017, p. 21, grifos do autor).

A “filosofia da fada madrinha”, portanto, sintetiza três conceitos fundamentais no comportamento ético: 1). A humildade de ver-se pequeno e indigno de tantos dons; 2). A liberdade de renunciar a algo pequeno, por opção própria, visando um bem mais desejado; 3). A preferência pela felicidade. A poesia da felicidade enquanto dádiva vinda de uma varinha de condão com os dizeres “*Bibbidi-Bobbidi-Boo*” é que esta parece algo fantástico, mas ao mesmo tempo delicado, e por isso, precioso. “Para Chesterton, a maravilha desse primeiro princípio moral não é apenas ser fundamental, mas ser um fundamento muito vulnerável. Embora seja evidente que devemos fazer o bem, não temos de fazê-lo. Esse é o fascínio peculiar da felicidade.” (PAINE, 2008, p. 144).

O Divino Autor

Se contos de fadas são reais, se a mágica acontece com suas regras nesse mundo, então quem escreve/conta essa história? Quem dá as condições mágicas? Quem gira e sacode a varinha mágica? “One last thing in which I agree with Chesterton. Fairy tales lead us toward a belief in something that if it were not also so veiled in a mystery, common sense alone would affirm: if there is a story, there must surely also be a story teller.” (GUROIAN, 1998, p. 38, grifos nossos)¹⁴.

Chesterton sentiu que o universo era um presente, e queria saber quem tinha lhe dado tão belo embrulho. Ele mesmo declara: “[...] estou absolutamente convencido de que este mundo não se explica a si próprio.” (p. 90). Existiam alguns indícios que apontavam para tal, em primeiro lugar uma certa assinatura divina. “Havia algo de pessoal no mundo, assim como há algo de pessoal em uma obra de arte” (Ibid). O que Chesterton chama de marca pessoal no mundo, a filosofia da natureza chama de racionalidade, ou causa. “Portanto, a organização da natureza mostra a existência de uma *racionalidade* que, além do mais, é muito sofisticada.” (ARTIGAS, 2017, p. 124, grifos do autor).

Como filósofo do *common sense*, Chesterton começa a perscrutar a natureza em busca de mais informações sobre a questão que o intriga.

Mas a repetição na Natureza parecia-me, algumas vezes, uma repetição exacerbada, como a de um professor zangado, que diz a mesma coisa repetidas vezes. Tinha a impressão de que a grama acenava para mim com todos os seus dedos ao mesmo tempo e de que as estrelas infinitas se inclinavam para serem compreendidas. O Sol faria com que eu o visse, se se levantasse milhares de vezes. As recorrências do Universo surgiram ao ritmo estonteante de um encantamento e eu comecei a entrever uma idéia. (p. 83).

Chesterton notou uma repetição no universo, mas não uma repetição lógica como a dos racionalistas que critica. Para o poeta, a certeza de que o sol nasceria amanhã não se baseava no fato lógico de que foi sempre assim nos últimos milênios, mas estava na certeza confiante de que essa dádiva seria dada novamente, como um menino que tem certeza da vinda do Papai Noel. De fato, ele não foi nunca decepcionado. “Da mesma maneira, pareceria estranho que um elefante tivesse tromba,

¹⁴ Uma última coisa em que eu concordo com Chesterton. Contos de fada nos levam à crença em algo que, se não fosse tão velado em um mistério, só o *common sense* afirmaria: se há uma história, certamente também deve haver um contador de histórias. (Tradução livre).

mas o fato de todos os elefantes a terem parecia, antes de tudo, uma conspiração.” (Ibid). Essa repetição da natureza é, para Chesterton, a prova de que há um Deus cheio de vida, de uma vitalidade (e jovialidade) própria das crianças, que pede para brincar de novo. “É possível que Deus diga ao Sol, todas as manhãs: ‘de novo’, e diga à Lua, todas as noites: ‘outra vez’.” (p. 84). Chesterton apresenta uma filosofia da natureza, ou uma teologia natural, em sintonia com a quinta via tomista, chegando satisfatoriamente à prova da existência de um Autor, coisa que o racionalismo de sua época descartava.

Com efeito, por trás de cada planta, de cada animal, de cada estrela, do solo onde crescem as plantas, das águas dos rios e dos mares, do ar que nos circunda, descobriríamos um sem-fim de miniprocessos concatenados que, em muitos os casos, constituiriam um espetáculo verdadeiramente espantoso. É lógico, portanto, que as interrogações metafísicas e teológicas, que pareciam ter sido eliminadas pelo progresso científico, retornem. (ARTIGAS, 2017, p. 89-90).

Faz-se ainda necessário apontar que essa “teologia natural chestertoniana” não é separada da ética dos elfos, pois os elfos seguem as condições do autor sem revoltas, mas não seguem por estarem forçados a segui-lo, seguem porque o querem livremente. Chesterton vê na própria forma da liberdade o sinal de Deus, pois “[...] ao criar o mundo, Deus não apenas o colocou aí mas, também, num sentido bem verdadeiro, soltou-o.” (PAINE, 2008, p. 182).

OS ELFOS E A IMAGINAÇÃO MORAL

Se os contos de fadas são esse depósito ético resguardado pela tradição, então por que não se aproveitar deles para a instrução, sobretudo infantil? Chesterton exalta toda a filosofia que apendeu com os elfos, e Vigen Guroian acredita que o mesmo pode ser feito com todos, sobretudo as crianças. É o que ele chama de “imaginação moral”:

Mere instruction in morality is not sufficient to nurture the virtues. It might even back fire, especially when the presentation is heavily exhortative and the pupil's will is coerced. Instead, a compelling vision of the goodness of goodness it self needs to be presented in a way that is attractive and stirs the imagination. A good moral education addresses both the cognitive and affective dimension of human nature. Stories are an irreplaceable medium for this kind of

moral education—that is, the education of character. (GUROIAN, 1998, p. 20)¹⁵.

O que o autor descobriu na ética élfica de Chesterton é que a composição desses elementos morais na mente do homem pode assegurar que a moralidade embutida estará presente. Mas isso não se trata de uma reformulação da gnosiologia clássica que, aliás, Chesterton resgatou. Trata-se de uma instrução pelo meio imaginário de regras de condução da vontade.

The moral imagination is not a *thing*, not even so much a faculty, as the very process by which the self makes metaphors out of images given by experience and then employs these metaphors of and suppose moral correspondences in experience. The moral imagination is active, for well or ill, strongly or weakly, every moment of our lives, in our sleep as well as when we are awake. (Ibid, p. 24)¹⁶.

Assim, somente o exemplo vivo das personagens é que trariam uma real fixação da moral na alma. É o que Ives Gandra chama de “tese tolkien-chestertoniana da restauração da alma pela literatura fantástica” (MARTINS-FILHO, 2017, p. 86, grifos do autor). Da mesma forma, afirma São Basílio, ante a interrogação dos cristãos se poderiam ler literatura não-religiosa: “a literatura profana nos ajuda a traçar o primeiro esboço de virtude.” (BASÍLIO DE CESARÉIA, 2012, p. 57), pois segundo o Padre da Igreja, “Quase todos que escreveram sobre a sabedoria louvaram a virtude, cada um à sua maneira.” (Ibid, p. 42). Essa percepção não difere da de Chesterton:

“Você não vê”, disse-lhe, “que os contos de fadas são em sua essência bastante sólidos e diretos, mas que essa eterna ficção sobre a vida moderna é em sua natureza essencialmente incrível? Folclore quer dizer que a alma é sã, mas o universo é selvagem e cheio de maravilhas. Realismo quer dizer que o mundo é enfadonho e cheio de rotina, mas que a alma está doente e gritando. O problema do conto de fadas é – o que um homem saudável faria com um mundo fantástico? O problema do romance moderno é – o que um louco faria com um mundo monótono? Nos contos de fadas o cosmo enlouquece, mas o

¹⁵ Mera instrução de moralidade não é suficiente para nutrir as virtudes. Pode até sair pela culatra, especialmente quando a apresentação é fortemente exortativa e a vontade do educando é coagida. Em vez disso, uma visão convincente da bondade pela bondade em si precisa ser apresentada de uma maneira que seja atraente e estimule a imaginação. Uma boa educação moral aborda as dimensões cognitiva e afetiva da natureza humana. As histórias são um meio insubstituível para esse tipo de educação moral - isto é, a educação do caráter. (Tradução livre).

¹⁶ A imaginação moral não é uma coisa, nem mesmo uma faculdade, como o próprio processo pelo qual se faz metáforas a si mesmo a partir de imagens dadas pela experiência e então emprega essas metáforas para encontrar e supor as correspondências morais na experiência. A imaginação moral está ativa, bem ou mal, forte ou fracamente, em todos os momentos de nossas vidas, em nosso sono, bem como quando estamos despertos. (Tradução livre).

herói não. Nas novelas modernas o herói está louco antes de o livro começar e sofre com a dura estabilidade e a cruel sanidade do cosmo. (CHESTERTON, 2012, p. 108-109).

O poeta combate o racionalismo que, segundo ele, levou o homem à loucura, mas a solução está na fantasia, que aparentemente é loucura. Há, portanto, mais um paradoxo, típico do pensamento daquele que merece ser chamado de “Príncipe dos Paradoxos”. “Apenas a sanidade é que consegue ver até mesmo uma poesia selvagem na insanidade.” (Ibid, p. 109). Chesterton vê na poesia a admissão do possível e uma retomada à verdade. “Musing on the wisdom and ethics of the fairy tale, G. K. Chesterton observes that the genres parks a special way of seeing that is indispensable to morality.” (GUROIAN, 1998, p. 18)¹⁷.

Mas, agindo racionalmente, é possível perguntar-se sobre a oposição entre o real e o imaginário. Se se insiste com a ideia da possibilidade ser diferente da veracidade, pode-se questionar se não há então um risco de uma confusão, afinal, não é possível conceber uma esfinge, pois é próprio do homem não só pensar, mas ter mãos humanas para tal e não garras de leão. “O princípio primordial absoluto, com toda a sua universalidade e necessidade lógica, é-nos transmitido por um mundo que não é necessariamente lógico.” (PAINE, 2008, p. 129). Mas Chesterton vê nos contos de fadas não uma alusão às criaturas mágicas, mas uma participação destas na vivência do homem, verdadeiro protagonista que “invites us to draw analogies between its imaginary world and the world in which we live.” (GUROIAN, 1998, p. 23)¹⁸. Pois isso declara:

Pode-se escrever uma história de um herói entre dragões, mas não uma história de um dragão entre dragões. O conto de fadas aborda o que um homem não fará em um mundo louco: o romance realista, com toda sua sobriedade, mostra-nos o que um indivíduo essencialmente lunático fará em um mundo estúpido. (p. 32).

Que é o mesmo expressado de forma poética por J. R. R. Tolkien (2013, p. 10, grifos do autor):

A maioria dos bons “contos de fadas” trata das *aventuras* dos homens no Reino Perigoso ou nos seus sombrios confins. É natural, pois, se os elfos são de verdade, e de fato existem independentemente de nossas

¹⁷ Meditando sobre a sabedoria e ética do conto de fadas, G. K. Chesterton observa que o gênero desencadeia uma maneira especial de ver que é indispensável à moralidade. (Tradução livre).

¹⁸ [...] nos convida a fazer analogias entre o mundo imaginário e o mundo em que vivemos. (Tradução livre).

histórias sobre eles, então também isto é verdade: os elfos não se interessam primordialmente por nós, nem nós por eles. Nossos destinos são distintos, e nossas trilhas raramente se encontram. Mesmo nas fronteiras do Reino Encantado só os encontramos em algum cruzamento fortuito de caminhos.

O motivo para tal exaltação dos contos de fadas e das criaturas mágicas, sejam elfos ou dragões, é que Chesterton fixa-se na realidade e na sanidade mental, isto é, aceitação da realidade. Para o poeta, os antigos contos tratavam de homens comuns que passavam por aventuras incríveis, mas a literatura moderna trata de homens loucos que vivem uma vida enfadonha e sem sentido, pois a literatura virou expressão do desespero moderno, por exemplo, o clássico alemão de Goethe, *Os Sofrimentos do Jovem Werther* que, de tão trágico, levou centenas de jovens ao suicídio. É essa vivência do homem são em um mundo fantástico que Chesterton vê como contos de fadas.

É ainda por essa razão que os romances de hoje morrem depressa, enquanto que os velhos contos de fadas hão de durar para sempre. Os antigos contos de fadas têm como herói um ser humano normal: suas aventuras é que são impressionantes e impressionam-nos exatamente porque tratam de um ser normal. Mas, no moderno romance psicológico, o herói é anormal: o centro não é central. (p. 32).

Mas o que tem de especial os contos de fadas? “Por ora só direi isto: um ‘conto de fadas’ é aquele que toca ou usa o Reino Encantado, qualquer que seja seu propósito principal, sátira, aventura, moralidade, fantasia.” (TOLKIEN, 2013, p. 10). O homem comum, diante de suas peripécias no reino encantado está diante da razão e da loucura, da prudência ou do erro. A moralidade élfica é mais do que ensinar o erro, é ensinar a aceitar as loucuras do mundo e a busca da personagem pelo verdadeiro, bom e do *happy end*. Uma vez que a personagem lida com a insanidade mantendo-se sã, correta e, assim, alcançando a felicidade. Assim também aprende o leitor, desde pequeno ou já grande, que pode manter-se fiel ao verdadeiro, ao bom e à busca pela felicidade, ainda que o mundo mostre-se ilógico, cruel ou angustiante, afinal, o “Reino Perigoso” de Tolkien, é a mesma “Terra dos Elfos” de Chesterton, isto é, esta realidade.

Assim, os contos de fada não ensinam as crianças sobre o falso, mas sobre conceitos superiores que de outra forma seriam difíceis de compreender. Em uma frase atribuída a Chesterton pelo escritor britânico Neil Gaiman: “Contos de fadas não são reais porque ensinam que dragões são reais, contos de fadas são reais porque ensinam

que dragões podem ser derrotados”. Apesar de não ter sido dita por Chesterton, com essas palavras, não está longe da ideia original:

Dessa forma, os contos de fadas não são responsáveis por produzir nas crianças o medo ou qualquer uma de suas formas; os contos de fadas não dão à criança a ideia do mau ou do feio; estas já estão nela, porque já estão no mundo. Os contos de fadas não dão à criança sua primeira ideia de fantasma. O que lhe dão é a sua primeira ideia clara da possível derrota de um fantasma. O bebê conhece intimamente o dragão desde que começa a imaginar. O que o conto lhe dá é um São Jorge para matá-lo. (CHESTERTON, 2012, p. 112).

O homem sempre tenta compreender o mundo a sua volta. É um processo normal e natural, mas ao sentir-se deslumbrado diante de certos mistérios, cuja razão não pode (ao menos inicialmente) compreender, então ele busca uma explicação possível, muitas vezes refugiando-se em arquétipos que vestem a roupagem das noções abstratas que não pode pensar em si mesmas. “Se você mantiver os fantasmas e os duendes longes das crianças, elas os inventarão por si mesmas” (Ibid, p. 111). É exatamente por isso que Guroian propõe essas histórias como ferramenta educacional.

But Chesterton was not an advocate of the blunt and heavy instrument; no am I. This is one reason why fairy tales appealed to him so much. Fairy tales might not qualify as scientific hypotheses or theories, but they do resonate with the deepest qualities of humanness, freedom, and the moral imagination. (GUROIAN, 1998, p. 36)¹⁹.

É que acreditar em algo que leva um valor pode trazer consigo realidades maiores. “The fairy-tale philosopher respects the deeper mystery of freedom in its transcendent source.” (Ibid, p. 37)²⁰. Por isso, Chesterton afirma: “Nos quatro cantos da cama de uma criança estão Perseu e Rolando, Sigurd e São Jorge. Se tirar a guarda dos heróis, você não a estará tornando racional; estará apenas deixando que lute sozinha com os demônios. Pois os demônios, infelizmente, sempre acreditamos.” (CHESTERTON, 2012, p. 113-114). São exatamente esses valores trazidos nos heróis que fazem dos contos de fadas um depósito da moral natural e um excelente e agradável instrumento de formação. E não só de crianças, pois a instrução moral não é só para elas, mas para todos os homens. “[...] na minha opinião os contos de fadas não deveriam

¹⁹Mas Chesterton não era um defensor do instrumento contundente e pesado; nem sou eu. Essa é uma das razões pelas quais os contos de fada atraíram tanto a ele. Os contos de fada podem não se qualificar como hipóteses ou teorias científicas, mas ressoam com as qualidades mais profundas da humanidade, da liberdade e da imaginação moral.

²⁰O filósofo de contos de fada respeita o mistério mais profundo da liberdade em sua fonte transcendente.

ser *especialmente* associados às crianças. Eles são associados a elas naturalmente, porque crianças são humanas e os contos de fadas são um gosto humano natural (porém não necessariamente universal)” (TOLKIEN, 2013, p. 41). Com isso, Chesterton demonstra sua ética élfica:

O que me interessa agora é aquela ética e filosofia que nasceu dos velhos contos de fadas. Se me propusesse a descrevê-la, pormenorizadamente, poderia apontar os muitos nobres princípios contidos em tais contos. Temos a lição de cavalheirismo que nos é dada por *Jack, o Matador de Gigantes*: os gigantes devem ser mortos porque são gigantes. É uma revolta humana contra o orgulho considerado como tal. [...] Temos a lição da *Cinderela*, que é a mesma do *Magnificat: exaltavit humiles*. Há a grande lição contida em *A Bela e a Fera*: uma coisa deve ser amada antes que seja digna de amor. Há a terrível alegoria de *A Bela Adormecida*, que nos mostra como uma criatura foi presenteada com todas as dádivas ao nascer, apesar de amaldiçoada com a morte, e como a morte também pode, talvez, ser suavizada pelo sono. (p. 71-72).

Para Chesterton, a realidade se trata de uma surpresa agradável logo, aprender as virtudes também deve sê-lo, pois essas são as exigências da “Fada Madrinha”. O que o homem moderno, científico e racional precisa fazer para recuperar a sanidade é dedicar-se ao lúdico e permitir-se encantar novamente com as maravilhas. “Thus, while fairy tales are not a substitute for life experience, they have the great capacity to shape our moral constitution without the short comings of either rigidly dogmatic schooling or values-clarification education.” (GUROIAN, 1998, p. 38)²¹. Por isso, não só as crianças devem ser instruídas por meio desses contos mas, também, os adultos, como o próprio Chesterton se deteve em seu escritório em meio aos trabalhos para ler um conto dos Grimm sobre a avó do dragão (CHESTERTON, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa exposição, faz-se possível uma comparação entre Chesterton e Aristóteles, pois ambos foram homens sábios que partiram do *common sense* e foram além. “Aristóteles começou onde todos deveriam começar – naquilo que já sabia, graças

²¹ Assim, embora os contos de fadas não sejam um substituto para a experiência de vida, eles têm a grande capacidade de moldar nossa constituição moral sem as deficiências da educação rigidamente dogmática ou da educação de esclarecimento de valores.

à sua experiência comum, cotidiana. Por partir dela, seu pensamento valeu-se de ideias que todos nós possuímos, não porque foram ensinadas na escola, mas porque constituem o patrimônio comum do pensamento humano a respeito de tudo.” (ADLER, 2010, p. 11). Assim também foi Chesterton pois “A aspiração retórica de Chesterton era dirigir-se ao mais comum dos homens versando sobre os mais grandiosos temas.” (PAINE, 2008, p. 43).

Chesterton “aprende com os elfos” que a realidade é fantástica e que as coisas são dadas como dádiva por um autor. É esse encanto dos contos de fadas que Chesterton quer trazer para os tempos modernos, onde falta o primeiro passo para uma boa e sensata filosofia, o *mirandum* latino ou o *wondering* inglês. Chesterton percebe que, por ser esse maravilhamento algo natural ao homem, os bebês ainda o têm, e devia o adulto reavê-lo. “As escolas e sábios mais insondáveis nunca alcançaram a gravidade que existe nos olhos de um bebê de três meses de idade. É a gravidade do espanto perante o universo, e o espanto perante o universo não é misticismo, mas um transcendente bom senso.” (CHESTERTON, 2015, p. 91). Por isso, “Precisamos encontrar o centauro e o dragão, e talvez depois contemplar de repente, como os antigos pastores, os carneiros, os cães, os cavalos e os lobos. Os contos de fadas nos ajudam a realizar essa recuperação. Nesse sentido só o gosto por eles pode nos tornar, ou manter, infantis.” (TOLKIEN, 2013, p. 55).

É nesse “ver a realidade como os bebês” que está contido o apelo aos contos de fadas. A concepção dos elfos ajuda a retomar o maravilhamento. “As velhas babás não falam às crianças a respeito da grama, mas lhe falam das fadas que dançam sobre ela. E os velhos gregos não podiam ver as árvores por causa das ninfas dos bosques.” (p. 71). As coisas do país das fadas ajudam a recuperar o valor das coisas daqui pois, como já foi exposto, o país das fadas é aqui, onde as coisas têm seu real valor, apesar de ignorados pela modernidade. Por isso afirma J. R. R. Tolkien (2013, p. 57):

A Fantasia é feita do Mundo Primário, mas um bom artífice ama seu material e tem um conhecimento e uma sensibilidade da argila, da pedra e da madeira que só a arte de fazer pode proporcionar. Ao forjar Gram o ferro frio foi revelado; ao fazer Pégaso os cavalos foram enobrecidos; nas Árvores do Sol e da Lua, raiz e tronco, flor e fruto manifestam-se em glória.

O importante na compreensão do homem e da realidade em que se encontra está mais do que em uma lógica racional do mundo. “Não digo ‘ver as coisas como elas

são’, pois assim me envolveria com os filósofos, mas posso arriscar-me a dizer ‘ver as coisas como devemos (ou deveríamos) vê-las’ – como coisas separadas de nós.” (Ibid, p. 56). É a valorização da grama pelas fadas que caminham nela e dos cavalos pela criação de Pégaso, ou seja, é um deixar-se maravilhar pelo fantástico e perceber que o ordinário é tão fantástico quanto.

Sem dúvidas esse é o grande contributo de Chesterton, “ele possuía uma imaginação agostiniana, um intelecto tomista e um coração franciscano.” (PAINE, 2008, p. 23), mas sem dúvidas era um filósofo, uma resposta à altura do século passado e suas insanidades. Chesterton traz poesia a uma Europa tomada de ideologias e fala sobre elfos e dragões, para lembrar aos seus contemporâneos (e ainda aos homens de hoje, pois o autor mantém-se muito atual), de que a alegria é algo fantástico e delicado e deve ser cuidada com um certo encantamento. “Devemos agradecer a Deus a cerveja e o vinho, e demonstrar esse reconhecimento não os bebendo em excesso.” (p. 90).

Assim, a compreensão real e maravilhada da realidade traz ao homem uma alegre percepção da distinção de si e das coisas incríveis que o cerca, das quais deve zelar com delicadeza para que não perca o encantamento da felicidade, ensinamento este portado nas estórias das babás, mães e avós que devem ser mantidas na tradição para lembrar os homens dessa verdade tão fantástica quanto a fantasia que prega, a qual Chesterton foi feliz em redescobrir. Gilbert Keith Chesterton mostra-se não só poético e filosófico, mas um indispensável meio de dialogar as verdades perenes com a contemporaneidade.

ABSTRACT

This article was deal with an explanation of the thought of the book Gilbert Keith Chesterton, presented in the third chapter of the book *Orthodoxy*, entitled "The Ethics of Elfland", for an understanding of man while being provided with interiority and living in a real exteriority. The purpose of the exhibition was to clarify an understanding of thought as well as to defend its position as a philosopher. To this end, some notions of Chesterton's thinking are included, especially what is included in ananalyzed chapter, and a data applied to his philosophy of moral life and its applicability in education.

Keywords: Chesterton. Orthodoxy. Fairy tale. Philosophy. Anthropology. Education.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Mortimer. *Aristóteles para todos: uma introdução simples a um pensamento complexo*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- ARTÍGAS, Mariano. *Filosofia da Natureza*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2017.
- BASÍLIO DE CESARÉIA. *Carta aos jovens sobre a utilidade da literatura pagã*. Campinas: Ecclesiae, 2012.
- CARVALHO, Olavo de. *Aristóteles em nova perspectiva: Introdução a Teoria dos Quatro Discursos*. Campinas: VIDE Editorial, 2013.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *O Defensor; Tipos Variados*. São Paulo: Ecclesiae, 2015.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *O que há de errado com o mundo*. São Paulo: Ecclesiae, 2013.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. São Paulo: LTR, 2001.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. *Tremendas Trivialidades*. São Paulo: Ecclesiae, 2012.
- GUROIAN, Vigen. *Tending the Heart of Virtue: how classic stories awaken a child's moral imagination*. Oxford: University Press, 1998.
- MARTINS-FILHO, Ives Gandra. *Ética e Ficção: de Aristóteles a Tolkien*. 2. ed. Rio de Janeiro: GZ, 2017.
- PAINE, Scott Randall. *Chesterton e o Universo*. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- PEARCE, Joseph. *Sabedoria e Inocência: vida de G. K. Chesterton*. São Paulo: Ecclesiae, 2015.
- STORK, Ricardo Yepes; ECHEVARRÍA, Javier Aranguren. *Fundamentos de Antropologia: um ideal de excelência humana*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2005.
- TOLKIEN, John Ronald Reuel. *Árvore e Folha*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.